Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus – FOCIMP

Nova cartografia social da Amazônia

Povos Indígenas de Canutama

Lutando pelos nossos direitos

Banawa, Paumari, Apurinã, Karipuna, Miranha, Katukina, Jamamadi

44

Canutama AM

Participantes da Oficina de mapas realizados em Canutama, 8, 9 e 10 dezembro 2010

© UEA-Edições – Manaus, 2013

Coordenação do PNCSA
Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Alfredo Wagner Berno de Almeida
NCSA/CESTU/UEA, PPGAS/UFAM

Coordenação de pesquisa – NEPTA
Ana Carla Bruno INPA/NEPTA/PPGAS/UFAM
Thereza Cristina Cardoso Menezes NEPTA/PPGAS-UFAM

Equipe de pesquisa
Ana Carla Bruno INPA/NEPTA/PPGAS/UFAM
Thereza Cristina Cardoso Menezes NEPTA/PPGAS-UFAM
Emanuel de Almeida Farias Júnior PNCSA/UEA
Willas Dias da Costa NEPTA/PPGAS/UFAM
Rancejanio Guimarães NEPTA/PPGAS/UFAM

Apoio técnico
Luciene Pohl Projeto Aldeias
Luiz Fernandes de Oliveira Neto Projeto Aldeias

Fotografias
Willas Dias da Costa NEPTA/PPGAS/UFAM
Luiz Fernandes de Oliveira Neto Projeto Aldeias
Fotos cedidas pelos alunos do ProInd/UEA

Edição
Thereza Cristina Cardoso Menezes NEPTA/PPGAS-UFAM
Willas Dias da Costa NEPTA e PPGAS/UFAM

Cartografia
Roni Von Cacais de Lira UFAM

Projeto gráfico e editoração
DESIGN CASA 8

Lista dos participantes da Oficina de mapas

***Apurinã** – Josué Batista da Silva, Zumira Ferreira da Silva, Raimundo, Rodrigues da Silva, Maria Lucila Lopes da Silva, Luziane da Silva Vilaça, Maria de Fátima Pereira da Silva, Josiane Pereira da Silva, Iracema Ferreira da Silva, Raimunda da Silva do Nascimento /Paumari e Apurinã, Maria do Socorro da Silva, Maria Helena de Souza Nascimento, Marilane Nascimento da Silva, Grislane Nascimento da Costa, Zumira Ferreira da Silva, Luziane da Silva Vilaça, José Vilaça da Silva, Jackson Willian da Silva Vilaça, Michael Jackson da Silva, Jackson Kelvis da Silva Vilaça, Maria Larissa da Silva Vilaça, Maria de Fátima Pereira da Silva, Iracema Ferreira da Silva, Maria Cleunisse Ferreira da Cunha, Itamara Ferreira da Cunha*

***Banawá** – Genice Silva de Lima , Lucilene Camilo da Silva , Juliana Silva de Almeida , Sinária Camilo da Silva, Genilson Silva de Lima, Thays da Silva de Almeida, Karine Amaro da Silva, Jarlyson da Silva e Silva, Benedita Camilo da Silva/Casada com Banawá, Soranice Amaro da Silva, Sergiano da Silva e Silva, Evandro Camilo da Sena, Maria do Socorro da Silva, Maria Francisca Amaro da Silva, Tereza Pereira da Silva, Pedro Camilo, José Raimundo da Silva, Antonio Nery da Silva, Evandro Camilo de Sena, Genilson Silva de Lima*

***Katukina** – Joeice da Silva Oitaiã, Maria Andina da Silva Oitaiã*

***Karipuna** – Antonio Alves Maués*

***Jamamandi** – Raimundo Peres Gomes, Márcio Jorge da Silva, Narleide Nunes da Silva, Raimundo Rodrigues Santos*

***Paumari** – Genésio da Silva Paumari, Maria Francisca de Lima da Silva, Marizete da Silva Santos, Jucilene Avelino da Silva, Pedrina da Silva Fernandes, Jucilene da Silva Fernandes, Jovania da Sulva Fernandes, Jovám da Silva Fernandes, Melissa da Silva Fernandes, Maria Helena Souza Nascimento, Marilane Nascimento da Silva, Juracy da Silva e Silva, Jhekson da Silva de Souza, Kleberson da Silva de Souza, Elana Letícia Silva de Souza, Elara Melícia Silva de Souza, Gean Avelino da Silva*

Elson Saldanha Araújo – Universitário /UEA

José Raimundo do Marques de Almeida (Professor)

Francisco Chagas dos Santos

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia : Povos indígenas de Canutama (AM) : lutando pelos nossos direitos (Banawa, Paumari, Apurinã, Karipuna, Miranha, Katukina, Jamamadi) / coordenação do projeto Alfredo Wagner Berno de Almeida ; coordenação de pesquisa Ana Carla Bruno, Thereza Cristina Cardoso Menezes. – Manaus : UEA Edições, 2013.

12 p. : il. color. ; 25 cm. – (Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos ; 44)

ISBN 978-85-7883-243-8

1. Conflitos sociais. 2. Organizações sociais. 3. Índios – Lábrea (AM). 4. Movimentos sociais. 5. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Bruno, Ana Carla. III. Menezes, Thereza Cristina Cardoso. IV. Série.

CDU 528.9:316.48(811.3)

Quem somos e de onde viemos?

"Meu nome é Antônio Alves Maués, é Karipuna meu nome é assim Karipuna porque meu pai era Karipuna. Esse terreno aqui atrás no lugar da prefeitura, que agora é a padaria, isso tudo era do meu bisavô, o velho Karipuna que chamavam. Eu cortava seringa, eu cheguei aqui em Canutama, eu nasci aqui no município. Quando eu cheguei em Canutama eu tinha dez anos de idade hoje eu tenho sessenta e um anos de idade, trabalhei muito em Mucuim em todo canto". **Antonio Alves Maués**

"Meu nome é Evandro Calil de Sena, estou aqui em Canutama, antes morava em Manaus. Minha mãe é indígena e cinco anos que tô aqui Aí me casei aqui tenho uma esposa aqui. Eu nasci em Manaus os meus irmãos mais velhos todos nasceram pra cá na aldeia". **Evandro Calil de Sena**

"Meu nome é Maria de Fátima Pereira, nasci acima da Lábrea, a minha avó era indígena Apurinã, minha mãe Apurinã, meu avô na parte do pai é cearense. Trabalhei muita roça agora não trabalho mais. Já estou com trinta anos que moro aqui em Canutama, muito diferente. Lá não tinha como trabalhar por isso que vim pra cá, trabalho na casa mesmo, cuidando do filho. A escola que comecei e terminei está tudo podre e tem que renovar. Não tem faculdade, não tem concurso às vezes quando tem concurso meio é difícil". **Maria de Fátima Pereira**

FOTO: LUIZ FERNANDES DE OLIVEIRA NETO

Indígenas na Oficina de mapas na cidade de Canutama, Lábrea, AM, dezembro 2010

Como vivemos

"Eu planto a maniva preferida. Porque ela tem a casca bem branquinha. Mas tem muitas aqui o pessoal tem a flecha, a olho verde, tem a manteigueira, socó, amarelona, tem de toda qualidade". **Antonio Alves Maués**

FOTO: ALUNOS DO PROIND/UEA DE CANUTAMA

Indígenas Banawá na Terra Indígena Banawá, Canutama, janeiro 2012

"Os festejos é uma tradição muito boa, tem um dia que o índio fica preso dentro de uma oca numa maloca, fica tudo coberto, não sei quantos meses aquela pajelância, eles pegam e tiram lá de dentro e tá formado. É uma festa que não tem nada de briga, só os índios mesmo, o pessoal pra se conhecer, comida eles pegam pra todo mundo comer a carne, peixe, jacaré, colocam tudo na lenha". **Evandro Calil de Sena**

"Bom o povo Banawá, antigamente era um povo isolado. Viviam andando pelas matas. E foi aqui nessa margem do Purus quando houve o primeiro contato, teve alguns conflitos com o branco e eles fugiram. Quando houve o segundo contato, já foi no município de Tapauá. O contato assim, envolvendo com a sociedade, mas agora a gente já tem bastante avanço sobre conhecimento. De ter trabalho agora na educação, ensinando o próprio parente a ler, escrever o português que é pra ter conhecimento com a sociedade. E ao mermo tempo também valorizando o nosso, em primeiro lugar a língua. Nós Banawá somos um povo que sobrevive assim de caça, pesca, também planta bastante agricultura. Trabalha na agricultura, com farinha, mandioca, bastante

usada na aldeia. Agora se usa pouca farinha. Plantamos bastantes frutas, bananas, cará, macaxeira, então isso são produtos de nosso consumo. Banawá trabalha também com comercialização com os não índio, a produção a gente sempre utiliza lá pra comprar o sal. Depois do contato a gente precisa mesmo ter o café, o açúcar, então a gente tira castanha, tem bastante castanha dentro da nossa área, copaíba. Um produto também bastante vendido é farinha e também bastante vendido, bem valorizado é a pesca de pesca, o peixe liso é bastante vendido. Emfim, então é um meio de a gente sobreviver". **Cristiano Banawá**

FOTO: LUIZ FERNANDES DE OLIVEIRA NETO

FOTO: WILLAS DIAS DA COSTA

Rua de Canutama próximo à margem do Purus com presença de famílias indígenas, janeiro 2012

Oficina de mapas em Canutama, dezembro 2010

Relação com moradores da RESEX

"É, a gente se dá bem porque a maioria é tudo parente, graças a Deus que a gente nunca teve desunião com eles, são todos legais, são todos parentes, tanto na maloca como na Resex são tudo parente se a gente se compara assim. Como se fossem irmãos, graças a Deus eu não tenho o que dizer deles". **Sergiano da Silva e Silva**

"Bom a educação pra nós que somos indígenas, a gente tem esse conhecimento de que a educação indígena é diferenciada e bilíngüe, estudar as duas língua, então o professor é bastante informado nisso, também é bastante orientado, ensinando português pode causar assim um problema aos próprios indígena Banawá, porque ele valoriza mais o português que o banawá, a primeira língua é a nossa língua Banawá, no meu caso já tem poucos falantes lá na área que eu trabalho. Onde os meus alunos acompanha também, lutando pra aprender a língua, porque antes havia bastante preconceito, tinha bastante contato com o não índio na comunidade da Ressaca da Onça. A aldeia Paraíba fica bem próxima, então a gente sente o conflito. Nossas mães, avós, e o preconceito de ensinar. Mas hoje trabalho como professor, eu enfrento muita barreira agora lá, não dentro da aldeia não!". **Cristiano Banawá**

Preconceitos e discriminação

"Bagunça comigo e com minhas filhas, não tem respeito, é muito ruim e muito chato aqui na cidade a vida pra nós. Ficam falando os caboclos, que é como chamam os índios, não tem valor e não vale nada, tem que ficar aguentando mesmo. Eu falo pra minha mulher deixar prá lá vamos cuidar nossos trabalhos deixar eles falarem. Vamos cuidar nossos trabalhos, nós não moramos aqui. Vamos pra nossa aldeia falar em nossa língua, não aguento mais, vamos embora, queria ajuda para a minha família pra viver em paz". **Juscilene Avelino da Silva** – Paumari

Conflitos por causa da terra e usos dos recursos naturais

"Eles vem atrás de pescar. A pesca de peixe liso pra comercializar na área que eles atuam, nessa área que trabalham em serrar madeira esse tipo de trabalho. Os lagos antes eram bastante invadidos antes da demarcação, até porque os brancos entravam lá e tiravam madeira. Chegamos até assim pedir pra FUNAI que se manifestasse porque já tava demais. O serrador serrava até limite da nossa área: "mas vocês não podem, mas vocês não tem prova que essa área já foi demarcada, como não foi demarcada nós vamos tirar madeira"! Corria lá pra FUNAI, e a FUNAI a melhor prova são vocês! Tem o mesmo poder da polícia na cidade! Vão lá pra tirar eles, depois que teve a demarcação, é diferente! Eles não entraram mais, não serraram mais madeira, e também eles entravam assim, pra tirar copaíba, que dava bastante dinheiro, pra nós ainda é bastante valorizado, e depois da demarcação não teve mais isso, mas sempre tem a invasão na área de pesca.

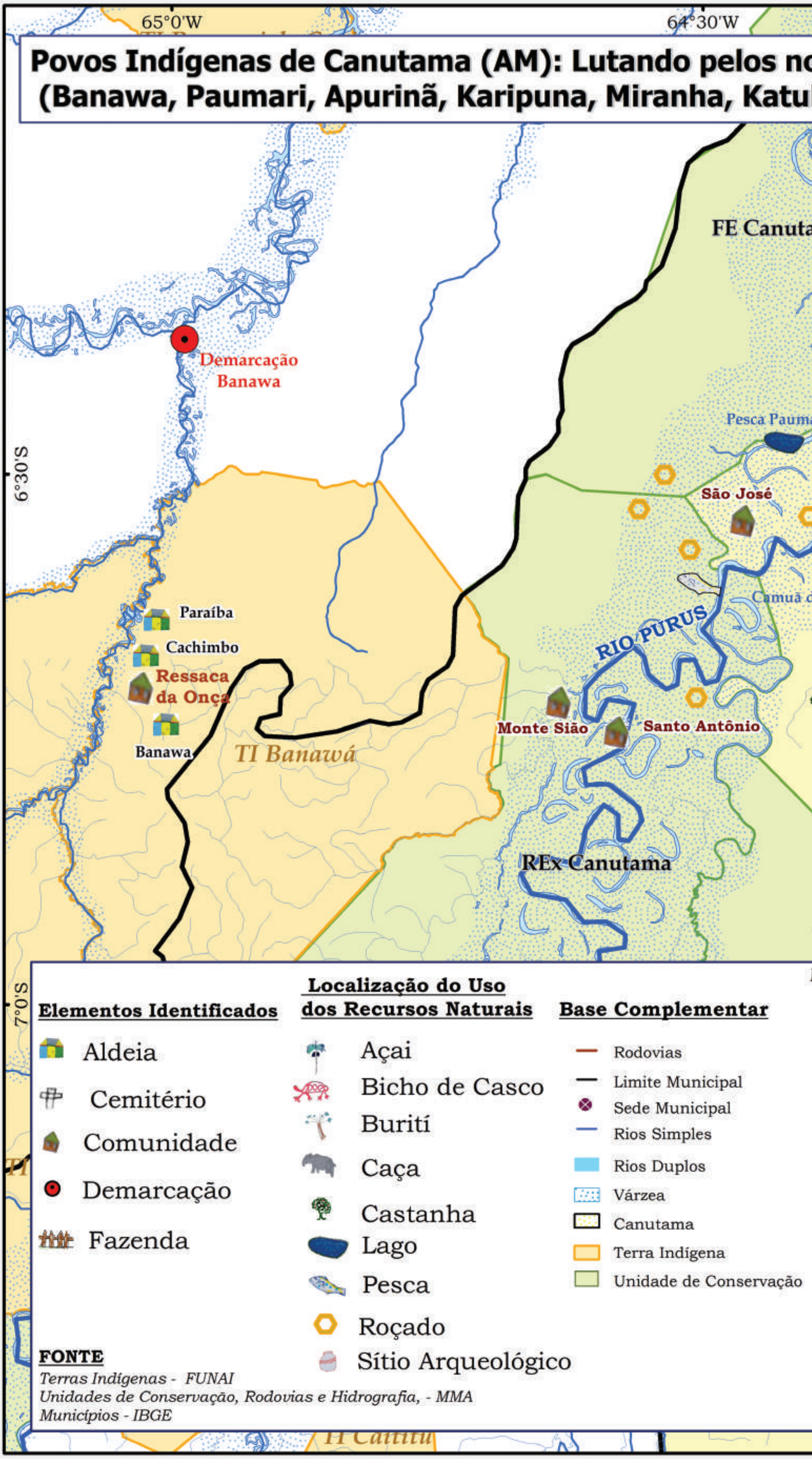
FOTO: ALUNOS DO PROIND/UEA DE CANUTAMA, AM

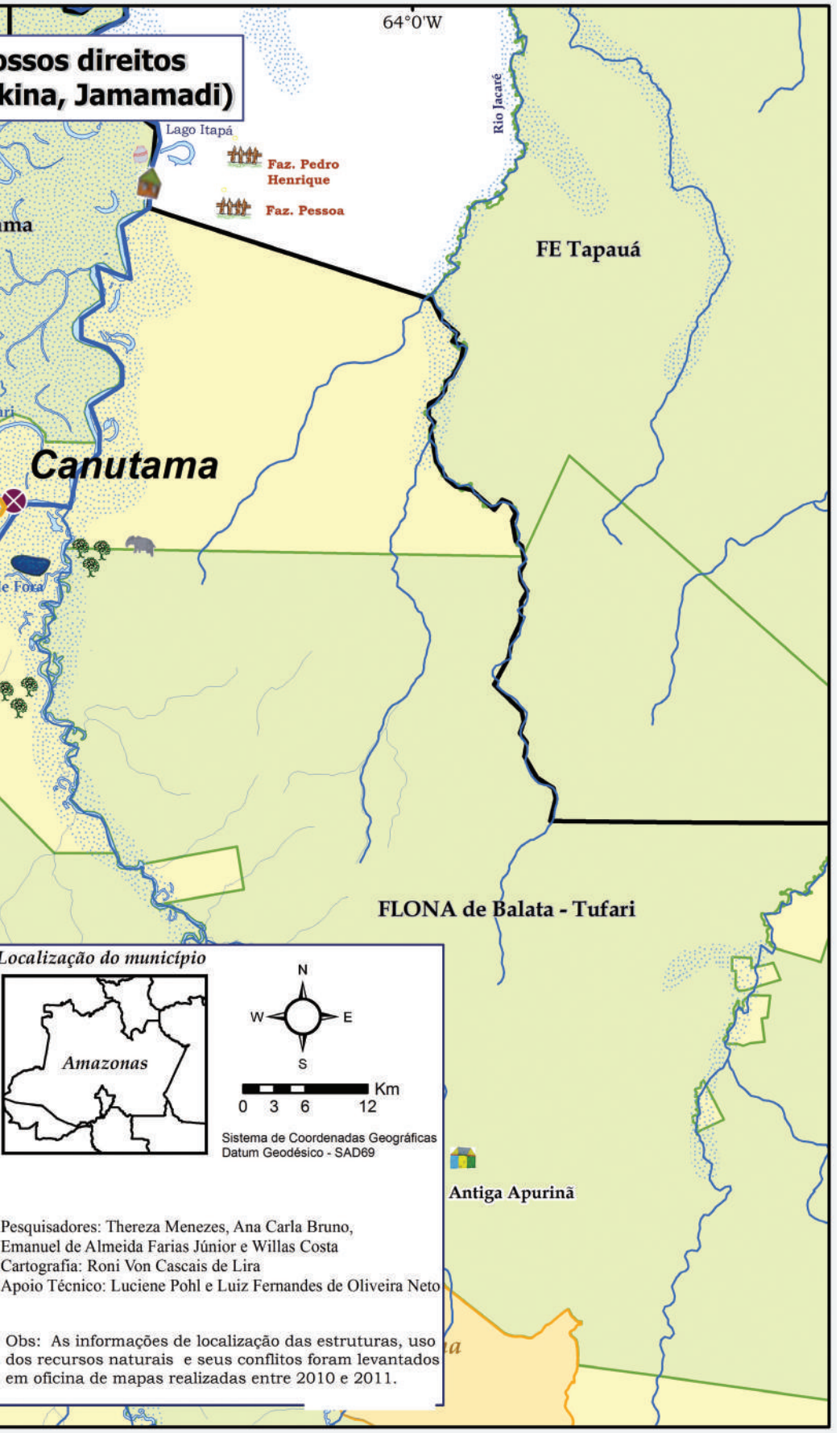
FOTO: ALUNOS DO PROIND/UEA DE CANUTAMA, AM

Indígenas Banawá na Terra Indígena Banawá, Canutama, Lábrea, AM, janeiro 2012

Invasão da Terra Indígena Banawá, Canutama, Lábrea, AM, retirada ilegal de madeira, janeiro 2012

O reconhecimento da terra veio todo assim, o estudo do antropólogo fez um estudo da área pra fazer a demarcação, inclusive, eu até assim adiantei, entrei em contato e entrou a demarcação! A FUNAI foi lá, fez um estudo, mas a área ficou pequena. Quando a FUNAI determinou aqui o limite, iam demarcar, nós Banawá fomos lá e reclamamos. Que aquele tamanho ali não era o suficiente pela quantidade de gente que tinha, futuramente se aumentar a cada dia, enfim, aumentou mais, inclusive tinha áreas que era pessoa que não era índio, castanhal ficava fora da área, e quando houve o aumento, teve bastante conflito. Não chegou ao ponto assim de desentender braçalmente, mas verbalmente houve muito isso. Então, as pessoas entenderam a prioridade, porque somos indígenas. E muitos reclamaram, a FUNAI não indenizou, chegou até a indenizar algumas terras, em temos assim de benfeitoria. Eu na verdade entendo que o não índio, ele num tem o direito de reivindicar indenização por um produto nativo, ou seja, por uma planta nativa, porque ali já é da natureza, então é nosso. É Banawá! Mas, se ele tem algumas plantas de raíz, como cupuaçu na residência que ele trabalhou, eu acho que isso tem seu direito pra pessoa receber, mas enfim, houve a demarcação e as pessoas até hoje ainda cobram de nós que a FUNAI não pagou indenização e eu não sei se saiu esse dinheiro, enfim, não sei se acabou, só sei que eu represento lá o povo Banawá,


Povos Indígenas de Canutama (AM): Lutando pelos
(Banawa, Paumari, Apurinã, Karipuna, Miranha,
65°0'W
64°30'W
6°30'S
7°0'S
Demarcação Banawa
FE Canuta
São José
RIO PURUS
Paraíba
Cachimbo
Ressaca da Onça
Banawa
TI Banawá
Monte Sião
Santo Antônio
REx Canutama
Localização do Uso dos Recursos Naturais
Elementos Identificados
Base Complementar
Aldeia
Cemitério
Comunidade
Demarcação
Fazenda
Açai
Bicho de Casco
Burití
Caça
Castanha
Lago
Pesca
Roçado
Sítio Arqueológico
Rodovias
Limite Municipal
Sede Municipal
Rios Simples
Rios Duplos
Várzea
Canutama
Terra Indígena
Unidade de Conservação
FONTE
Terras Indígenas - FUNAI
Unidades de Conservação, Rodovias e Hidrografia, - MMA
Municípios - IBGE
TI Caititu


ossos direitos
kina, Jamamadi)
64°0'W
Rio Jacaré
Lago Itapá
Faz. Pedro Henrique
Faz. Pessoa
FE Tapauá
Canutama
FLONA de Balata - Tufari
Antiga Apurinã
Localização do município
Amazonas
N
W
E
S
Km
0 3 6 12
Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum Geodésico - SAD69
Pesquisadores: Thereza Menezes, Ana Carla Bruno,
Emanuel de Almeida Farias Júnior e Willas Costa
Cartografia: Roni Von Cascais de Lira
Apoio Técnico: Luciene Pohl e Luiz Fernandes de Oliveira Neto
Obs: As informações de localização das estruturas, uso dos recursos naturais e seus conflitos foram levantados em oficina de mapas realizadas entre 2010 e 2011.

eles chegam até a cobrar da gente. Eu até cheguei assim a falar pra eles, eu sou representante, mas não sou eu que pago indenização não, você tem que procurar a FUNAI também. Tem bastante conflito, essa situação de temos de tirar do branco e que a FUNAI não pagou. Até porque a gente tem exemplo, da terra Hi Merimã onde moravam alguns parente do outro lado de lá e a FUNAI foi lá e indenizou. Há poucos meses saiu a indenização. Área isolada, eles se interessaram mais por causa de cuidar logo pra tirar, mas dentro da nossa área Banawá, a gente que foi indenizado, os parente já querem sair, esperando receber benefício. Não saiu nem o benefício. E teve esse conflito". **Cristiano Amorim,** Banawá

"Invasor entra pra caçar e tirar o peixe, madeira. Vocês tão vendo a placa da FUNAI, daqui pra frente vocês não podem mais. Podemos dar permissão pra vocês passar. Tem um castanhal de uma pessoa branca, ele ficou dentro da visão dos índios, dentro dessa repartição da área indígena. Esse cara, ele mora aqui em Canutama, se exigiu que ele não passasse mais dentro, que ele não tirasse, que ele passasse o varador por fora do lado da demarcação, tirar as castanha dele, um rapaz que conhecemos muito. Ele veio com a minha esposa e disse: olha Tereza eu não vou mexer na plantação de vocês, eu não vou. Queria que tu permitisse eu fazer a minha casa aqui dentro desse local, só pra tirar a minha castanha, que fica mais perto, ela foi e concordou. Então a casinhas dele é dentro da área indígena, fica dentro da demarcação, mas ele só vai lá tirar, passa por dentro da nossa parte, mais ou menos umas trinta e tantas castanheiras no terreno dele. Ele vai e tira as castanhas dele, nunca sai de lá dentro da terra". **Antônio Nery da Silva**

"O IBAMA sempre tá em cima, muito tempo, e direto tem os fiscais também. Eles tão de olho. Ele aborda que não pode entrar que é reserva, e até porque a Belo Monte ele ficou fora da reserva, ele não tá enquadrado na reserva, ele tá fora, ficou só a Belo Monte fora da reserva, a mulher que representa, não sei nem o nome dela, aquela que representa a reserva estadual aqui, ela falou que quem tá fora da reserva não pode entrar, não pode usufruir da reserva, só se entrar em acordo com as comunidades vizinhas, se as comunidade aceitarem, se não, ele não pode entrar em qualquer lago da reserva, eu já usava essa área toda vida, pra pescar, pra tirar açaí, pra tudo, pra caça, pra todo tipo de sustento, tirava dessas áreas". **Daniel da Silva dos Santos**

FOTO: LUIZ FERNANDES DE OLIVEIRA NETO

Mulheres Indígenas na Oficina de mapas em Canutama, AM, dezembro 2010

FOTO: ALUNOS DO PROIND/UEA DE CANUTAMA, AM

Extração ilegal de madeira em Canutama, AM, registrada desde a década de 1980. Janeiro 2012

Problemas e conflitos

"São conflitos com a reserva e também com extrativistas. O lago que não tem reserva tem dono, a reserva não pode entrar por que é reserva. Muitas pessoas tentam roubar quando o dono deixa e entra escondido também dentro da reserva. Em qualquer momento pode ser abordado. Tem um lago que pegamos peixe no inverno, no varador pra peixe pra nossos alimentos. Dentro do lago o cara tomou canoa, ele disse "esse lago é meu eu não posso deixar vocês pescarem pra vender, está certo, mas é pra alimento e quando as pessoas estão pescando eles humilham mesmo porque lá a terra não é nossa, lá somos todos sem terra".

"A família indígena não é maioria, praticamente são seis ruas, são três famílias indígenas que eu coloquei, mas indígenas tem 137 indígenas, registrado são 86 indígenas apurinã. Importante também é que quero reforçar a demarcação da terra, área de muitos conflitos. A demarcação da terra pra nós seria muito importante, pra nós é muito importante pois nós somos índios, não somos reconhecidos e queremos ser reconhecidos como indígenas. Queremos direitos como indígenas e ter a terra e usufruir do jeito que queremos para caçar, lago pra nós pescar, a gente tirar o sustento e nossos alimentos para sustentar a nossa família, isso é muito importante". **Maria da Silva e Daniel da Silva dos Santos**

Dificuldades na Terra Indígena

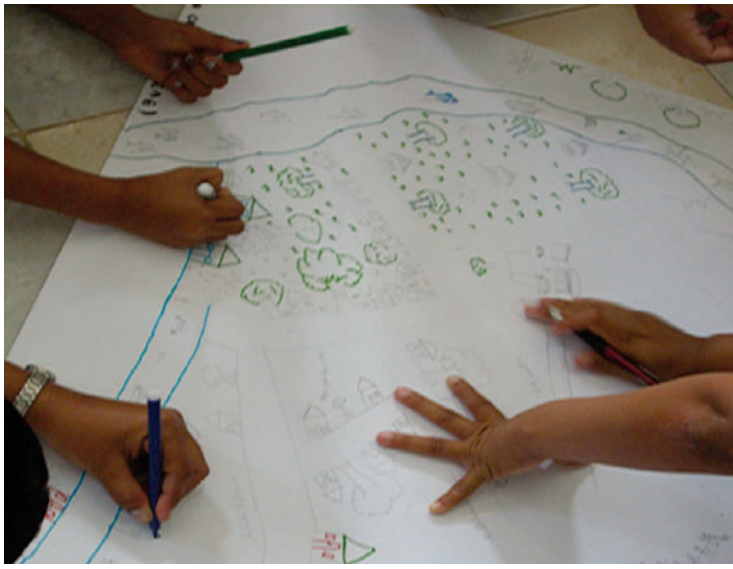
"Porque a maior dificuldade é porque a FUNAI proíbe que o comerciante chegue até lá pra ele poder comprar o mantimento dele, e como é proibido ele não tem como comprar. Por isso que eu tô dizendo que tem que autorizar, mas que também não vá explorar o indígena. Nós queremos esses comerciantes lá, nós sabemos que o preço da copaíba tá quatorze, dezesseis reais, ele lá paga um quilo de açúcar por cinco reais e paga seis reais na copaíba, tá explorando, esse que explora não deve ficar. Devemos brigar por uma política de desenvolvimento ao produtor, pelo extrativismo e que possa ter onde vender esse produto, para que se possa trazer pra quem vender". **Cristiano Banawá**

O mapeamento

"Fizemos mapeamento da maioria dos indígenas, o mapeamento aqui de cada área, de cada rua onde os indígenas moram, da casa deles e de cada família e das etnias que eles pertencem, não sei se alguma etnia ficou de fora, por que não conheço tudo, mas conheço as pessoas. Temos poucos conhecimentos, começou com a casa e rua e colocou verdinho e vermelhinho, aqui vive uma

FOTOS: LUIZ FERNANDES DE OLIVEIRA NETO

Grupo de indígenas Banawá construindo croquis durante Oficina de mapas em Canutama, AM, dezembro 2010



Croquis produzidos na Oficina de mapas em Canutama, AM, dezembro 2010

família indígena. Certa parte aqui representada, aos restantes colocamos os pontos de referências, o pontinho vermelho onde as pessoas moram. Outros pontos de referências, colocamos os pontinhos do banco Bradesco e banco do Brasil, cartórios, Igreja São Francisco, tentamos mostrar onde moram indígenas, tentamos identificar a maioria que agente conhece. Eu não sei se dá pra entender, está envolvido todas as etnias que vivem aqui. Aqui temos Apurinã, Paumari, Banawá, Karipuna, Jamamadi, Katukina, e também tem Miranha, tem muito deles também.

Meu nome é Cristiano, sou professor. No mapa que fizemos, são rios que ficam ao redor da terra indígena, que fica rio Piranha dentro do Purus, Tapauá, eu conheço essa área. Aqui no mapa você pode imaginar como que é o igarapé do Banawá, a nossa aldeia Esperança. Ao lado tem Aldeia Piraiba, sobe acima, tem Aldeia Central, na aldeia tem campo, cemitério, castanhal, tem caminho que entra na aldeia e chega no rio Purus, no município da Canutama. Temos aqui acesso de transporte até Lábrea, rio Piranha chega aqui no igarapé Curiyá. Não leva muito tempo no inverno, leva dois dias, saindo daqui e chegando aqui no motor rabeta, no inverno sai de manhã e chega meio dia. Temos vários pés de castanhal, nos igarapés tem muitos pontos de castanha, também tem vários tipos de caça e também temos roçados. Colocamos algumas coisas pra mostrar como: carás, bananas, abacaxi e também temos pesca, peixes, aqui temos lagos e tem Posto de Saúde, para atender em qualquer emergência, às vezes passa rádiofonias pra FUNASA, missionário tem muito, temos posto de saúde na comunidade São Pedro, temos muita copaíba, aqui agente tira muita copaíba". **Cristiano Amorim** – Banawá

Indígenas na Oficina de mapas em Canutama, AM, dezembro 2010

Mulheres indígenas na construção de croquis durante a Oficina de mapas em Canutama, AM, dezembro 2010

FOTOS: LUIZ FERNANDES DE OLIVEIRA NETO

"Boa tarde a todos, essa oficina é novidade pra nós, uma cartografia, um mapeamento das populações indígenas do nosso município há tão pouco tempo desconhecidas. Algumas pessoas querem ser reconhecidas como índio porque vai facilitar a universidade, uma aposentadoria fácil, colocando em dúvida. Eu disse pra eles que a maioria dos indígenas daqui do município não queria nem ser reconhecida, pois foram tão discriminados no decorrer dos cem anos de Canutama que acabaram por negar o fato. É impossível dizer que em Canutama não tem índio porque o seu nome já diz tudo. Canutama significa pé cortado, na realidade se você for traduzir ao pé da letra conta a lenda que Manoel Urbano fez invasão quando chegou aqui há cento e dezenove anos atrás. Aqui era uma aldeia indígena e ele escolheu um índio pra fazer trajeto, a picada onde ele ia caminhar pra chegar na terra firme e no decorrer do caminho ele cortou o pé e clamou pelo seu Deus que se chamava Canutamá. Manoel traduziu como cortei meu pé e partir daí passaram a chamar Canutama de pé cortado, mas na realidade o índio chamava pelo Deus canutamá, eu não sei se era algum Deus que era desconhecido da gente, mas essa é a lenda. Então dizer que uma cidade chamada Canutama que no ato da sua descoberta era habitada por índios e não ter índio, é uma coisa que é difícil, então eu tenho há quase dois anos buscado o reconhecimento das minhas origens"

"Boa tarde eu quero agradecer primeiramente a Deus, muito satisfeito com o mapa que a gente concluiu, que o pessoal da FUNAI que eles possam reconhecer também os problemas que a gente tem aqui no município porque aqui a gente tá desprezado. Um dia fui para o hospital, chegou lá, deixaram minha mulher em cima da cama, eu fui falar pra enfermeira e ela quase me engole. Eu falei pra ela, olha é o seguinte, se acontecer alguma coisa com ela tu vai se responsabilizar pelo que tá acontecendo, porque se vier um médico indígena acho que vai ficar mais fácil pra gente".
Daniel da Silva dos Santos

Problemas

- Invasão dos fazendeiros nas áreas de caça, coleta, pesca e roça dos indígenas;
- Impedimento da retirada de madeira pelos órgãos ambientais;
- Falta de Assistência aos indígenas de Canutama devido à retirada do Posto da FUNAI;
- Ausência de educação especial para os indígenas;
- Pressão do ICMBio através das unidades de conservação sobre áreas ocupadas por indígenas;
- Ausência de radiofonia em áreas indígenas;
- Falta de transporte para indígenas enfermos que habitam distante da sede municipal;
- Falta de profissionais de saúde para atendimento aos indígenas;
- Interdição do ICMBio de uso e circulação em áreas com recursos básicos (açaí, pesca e caça).

Reivindicações:

- Instalação de escritório da FUNAI para assistir aos indígenas em Canutama;
- Criação de uma escola indígena;
- Assistência da FUNAI para indígenas residentes em áreas urbanas;
- Falta de assistência de saúde indígena no espaço urbano;
- Demarcação de Terra Indígena Paumari (Rio Mucuim), Terra Indígena Apurinã (Belo Monte) e estrada do Itapa (Karipuna);
- Criação de uma escola indígena na Aldeia Banawá;
- Criação de uma CASAI em Canutama;
- Agilidade na expedição de registro civil dos indígenas;
- Disponibilidade de transporte para indígenas residentes fora da sede municipal;

CONTATO

FOCIMP – Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus
Rua João Bosco de Lima Bairro da Fonte
69830-000 Lábrea AM
telefone 97. 9153-9482
focimp@yahoo.com.br

Coordenador Executivo
José Raimundo Pereira Lima (Zé Bajaga Apurinã)
Vice Coordenadora
Evaldo Mariano da Costa Paumari
1° Secretário: **Josué Batista da Silva**
2° Secretária: **Rônia Lima da Silva Apurinã**
1° Tesoureiro: **José Inácio da Silva**
2° Tesoureiro: **Rosana Silva Borge Apurinã**
Conselho Fiscal
Antônio Mulato da Silva Apurinã
Maria Antônia Rodrigues de Lima
Joel Morais da Silva
Jaime Francelino Rafael Apurinã
Coordenadores Regionais
Tapauá: **Valdimiro Farias da Silva Apurinã**
Canutama: **Ana Maria Camilo da Silva**
Lábrea: **Antônio Carlos Lopes da Silva Paumari**
Pauini: **Valdeci Muniz Inácio Jamamadi**

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

SÉRIE: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí

2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim

3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins

4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense

5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará

6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz

7 Quilombolas da ilha de Marajó

8 Quilombolas do Maranhão

9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos

10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara

11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia

12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro

13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã

14 Quebradeiras de coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo

15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú – Novo Airão, AM

16 Ribeirinhos da região do Zé Açu, AM

17 Piaçabeiros do Rio Aracá – Barcelos, AM

18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, AM

19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão

20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, AM

21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará

22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, AM

23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, AM

24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim, Pará

25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Alcântara, MA

26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciríaco, TO

27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio, TO

28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, MA

29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém, PA

30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará

31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, AC

32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM

33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM

34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO

35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM

36 Quilombolas, agricultores(as), quebradeiras de coco, pescadores do território de Formoso – Penalva, MA

37 Pescadores(as), agricultores (as) do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Manaus

38 Associação Indígena Karapãna – Assika, Rio Cuieiras e Baixo Rio Negro, Manaus

39 Quilombolas de Monte Alegre – Médio Mearim, MA

40 Associação Indígena do Povo Pirahã do Amazonas

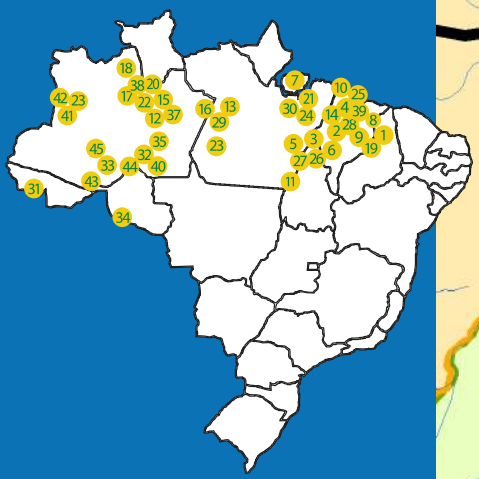
41 Movimento Kokama em São Paulo de Olivença, AM

42 Organização Kaixana Santo Antonio do Içá, AM

43 Povos Indígenas do Minicípio de Lábrea, Amazonas

44 Povos Indígenas de Canutama, AM

45 Terras Indígenas de Tapauá, AM



REALIZAÇÃO

FOCIMP

APOIO

UEA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS PNCAA - CESTU

FORDFOUNDATION

PPGAS

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

NEPTA Núcleo de Estudos de Povos e Áreas Territoriais na Amazônia

ISBN 978-85-7883-243-8

9 788578 832438